

## O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O USO DAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Leila Maria Franco (UEMG-Campus Ituiutaba)

Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini (UFMT – Campus Araguaia)

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo discutir sobre a inclusão de redes sociais como *twitter*, *facebook* e *instagram* no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, levando-se em consideração o uso das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) e o novo modelo de ensino *online*, com novas formas de aprendizado além do ensino tradicional vigente até pouco tempo atrás. O texto utilizou-se como metodologia a Revisão de Literatura, em que se discutiu sobre a importância das TIC e dos novos espaços de aprendizagem em Língua Portuguesa. Assim, como considerações finais, atentamos para um modelo de ensino-aprendizagem em constante mudanças e evoluções, levando-se em conta o mundo tecnológico e dinâmico no qual alunos e professores estão inseridos, com espaços de leitura e escrita infinita e novas possibilidades de interações.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa. Ensino-Aprendizagem. Redes Sociais.

**Abstract:** This article aims to discuss the inclusion of social networks such as *twitter*, *facebook* and *instagram* in the teaching-learning process of Portuguese, taking into account the use of ICT (Information and Communication Technologies) and the new model of online education, with new forms of learning in addition to the traditional teaching in force until recently. The text used as methodology the Literature Review, in which the importance of ICT and new learning spaces in Portuguese was discussed. Thus, as final considerations, we focus on a teaching-learning model in constant change and evolution, taking into account the technological and dynamic world in which students and teachers are inserted, with infinite spaces for reading and writing and new possibilities for interactions.

**Keywords:** Portuguese. Teaching-Learning. Social networks.

Com o advento da globalização, da automação, da transmissão de dados, da telecomunicação, é difícil se pensar em espaços totalmente limitados. Diante das novas tecnologias, as pessoas possuem diferentes aparatos tecnológicos como computador e celular, muitos deles com acesso à internet. Assim, o homem se vê inserido em um mundo intercultural.

Como resultado, a vida é marcada por dimensões digitais e virtuais, nos quais vários gêneros são veiculados e incorporados gradativamente ao cotidiano das pessoas.

O impacto das tecnologias atinge a todos (CASTELLS, 1985). Ao se informatizarem, há uma avalanche de mensagens que desterritorializam as pessoas e, sem dúvida, a noção de espaço está no seu ocaso. As distâncias encurtaram-se a tal ponto que já não mais faria sentido afirmar sua existência. Isso porque o mundo passou e passa por transformações da chamada era digital. Assim, não conseguimos imaginar nossas vidas sem a utilização da tecnologia: o telefone celular, o computador, a internet, ente outros.

Dentre as inovações do mundo moderno, as redes de comunicação tradicionais de mídia, como telefone, música, cinema e televisão estão sendo remodeladas ou redefinidas pela internet, ferramenta capaz de ultrapassar barreiras e fronteiras, ao oferecer uma extensa gama de recursos de pesquisa, informação e serviços, tais como os documentos inter-relacionados de hipertextos da *World Wide Web (WWW)*, redes *peer-to-peer* e infraestrutura de apoio a *e-mails*. Com ela, temos o mundo em nossas mãos, pois é mais que uma grandiosa biblioteca ou banco de conhecimento: é forma de interação.

O acesso à internet gerou espaço para a criação de ferramentas diversas. Sejam elas pessoais ou profissionais, a característica principal desse tipo de mídia é o fato de o usuário expor o que ele faz, ou o que pensa sobre determinado assunto. E fazem isso sem se importar com os limites de caracteres, muitas vezes, estipulados pelos *blogs* e *microblogs* como o *twitter*, *facebook*, *instagram*.

Nas páginas dessas redes sociais, é possível interagir com comentários e postagens de fotos e vídeos que complementam a informação veiculada. Vale lembrar que o contato físico com o texto tem sido alterado. Perdemos o manuseio de folhas de jornais e livros, para ater-nos à necessidade de outros elementos (tela, *mouse*, teclado) ao configurar e mudar páginas.

Com isso, milhares de pessoas se comunicam, se interagem de forma síncrona ou assíncrona por meio dessas redes sociais e estão cada vez mais inseridos no mundo digital. Elas possuem contas nessas redes, acessando-as não somente em plataformas de computadores como também por meio de aplicativos em seus celulares. Não importa se estão a caminho do trabalho, da escola ou de uma festa, elas sempre estão conectadas à rede. Essa interação em tempo real e entre várias pessoas em espaços diferentes, impõe mudanças nas relações interpessoais. Diante disso, o contexto educacional sofre os seus efeitos: da informação, da comunicação rápida, das diferenças entre a cultura do papel e a cultura da tela, chamada de cibercultura (SOARES, 2002, p. 143).

As novas tecnologias trazem impactos que se refletem no processo ensino-aprendizagem. De acordo com Lévy (1999 apud SOARES, 2002, p. 214), a cibercultura traz uma ‘mutação da relação com o saber’. Para esse autor, “o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas”, assim como a memória humana, que “se encontra tão objetivada em dispositivos automáticos, tão separada do corpo dos indivíduos ou dos hábitos coletivos que nos perguntamos se a própria noção de memória ainda é pertinente” (LÉVY, 1999).

Com o surgimento e a rápida difusão de novas tecnologias, a cada dia de mais fácil alcance, temos um novo entendimento dos fatos da linguagem. Tal fato pode ser enriquecedor no contexto educacional, pois a cibercultura se constitui como um possível e enriquecedor canal para a prática pedagógica. Essa tem um enorme alcance na construção dos sujeitos e da sociedade. “O espaço cibernético constitui-se na instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores, caracterizada pela interatividade, pelo desengate geográfico e temporal e pela atualização constante” (FRANCISCO; MACHADO, 2006, p. 3).

A chegada das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na escola evidencia desafios e problemas relativos aos espaços e a os tempos que o uso das tecnologias novas e convencionais provoca nas práticas que ocorrem no cotidiano, principalmente, da escola. Por um lado, a resistência de professores a essa cultura e que insistem em práticas pedagógicas bancárias e tradicionais, com a distribuição de conteúdos prontos para assimilação e repetição, vendo o aluno como um repositório vazio onde podem ser inseridos conteúdos, equações, datas, fatos sem qualquer interação na construção de conhecimentos por parte do sujeito. Por outro, daqueles que reconhecem as potencialidades das tecnologias disponíveis e a realidade em que a escola se encontra inserida.

As TIC são utilizadas na educação em diversos contextos, sendo a situação mais comum como suporte às atividades de ensino por parte do professor ou do acesso em sala de aula a recursos disponíveis na Internet. “Estamos neste caso perante de um cenário de ensino presencial com recurso a tecnologias - que podem ser as tecnologias digitais mais recentes ou tecnologias mais tradicionais” (GOMES, 2005, p.230).

Segundo o mesmo autor, outra forma do uso das TIC diz respeito a momentos de autoestudo, recorrendo a documentos em suportes digitais como DVD ou CD-Rom ou, mais recentemente, softwares que se tornaram uma extensão da sala de aula presencial, como por exemplo, fóruns de discussões, páginas na *web*, *blogs*, entre outros.

Mas não há como nos eximir que o grande avanço das TIC é o acesso à internet que proporciona a interação entre as pessoas que estão longe ao ponto de seguir sua rotina ‘conectada’ à rede. Por isso, a importância de se voltar os olhos para as redes sociais como objeto de ensino-aprendizagem. A exemplo, os *blogs* e os *microblogs* como *twitter*, *facebook* e *instagram* que se apresentam como poderosos instrumentos de expressão pessoal e de escrita colaborativa, seja a partir de sites individuais, seja de forma coletiva, escritos por vários

participantes ao mesmo tempo. Com efeito, a interface *blogs e microblogs* deveria ganhar expressão, no contexto escolar, uma vez que seus usos podem ser objetos de ensino-aprendizagem, pois possibilitam a construção coletiva dos significados e, daí, um novo fazer educativo.

Nesses ambientes virtuais, o usuário pode perceber claramente seu poder de manipulação da informação, pois ele pode inserir e, se desejar, excluir informações em vários formatos (texto, áudio, fotos e vídeos), além de comentar as atividades de outros participantes. Há pois uma mixagem: integração de várias linguagens - sons, texto, imagens dinâmicas e estáticas, gráficos, mapas (SANTOS, 2010) - na qual todos desfrutam da possibilidade de, por meio de *links* e comentários, participar de comunidades de interesse na *web*, dando vitalidade a essa mais recente e transformadora interface social.

A esse respeito, Xavier (2009) explica que a internet embora sendo mais recente que as outras mídias eletrônicas (TV e Rádio) une as pessoas e fortalece as atividades comunicativas. Essa afirmação enfatiza o poder que a rede de computadores conquistou a partir do momento que se apresentou como recurso de conexão entre as pessoas, uma vez que os usuários são convidados com frequência a tomar a palavra, na forma escrita, em mensagens veiculadas nas redes sociais. O autor explica ainda que estamos diante de uma perfeita oportunidade para desenvolver métodos de reflexão linguística e trabalhar atividades de linguagem, com o intuito de aperfeiçoar a habilidade comunicativa dos alunos que escrevem e leem nas redes sociais.

O surgimento dessas ferramentas de interatividade coincide exatamente com o momento em que a presença dessas novas tecnologias de informação e comunicação passa a exigir transformações no modo de fazer e agir de instituições sociais, a saber, a escola.

Não se trata, portanto, somente de mais uma tecnologia que invade os espaços escolares, como também de uma atitude - do professor - para aceitar a utilização dos aparelhos

móveis como recurso de aprendizagem, que pode ser desencadeada dentro da sala de aula e, quando requerido, fora do contexto escolar.

Usar as tecnologias de informação a favor do processo ensino-aprendizagem significa dinamizar o interesse pelas práticas de leitura e escrita. Há uma diversidade de formas de ler e de escrever nas redes sociais e com o advento das novas tecnologias vários gêneros textuais se fazem presentes e que podem ser utilizados como ferramentas de aprendizagem para os alunos. Sendo assim, é importante que o professor se inscreva nesse domínio discursivo que as novas tecnologias nos dão a ler e assim utilizá-las em favor do ensino para a construção de uma aprendizagem que faça sentido para seus alunos.

No ciberespaço, a variedade dos gêneros textuais pode ser encontrada nos *blogs* e *microblogs* como *twitter*, *facebook*, *instagram*, apenas para citar. Como objetos de aprendizagem, eles incorporam muitas das ideias já defendidas, a exemplo, por Vygotsky (1984) que concebe a aprendizagem como uma condição não individual, mas socialmente construída na interação professor-aluno, professor-professor, aluno-aluno. Com efeito, os professores cumprem papel fundamental de mediadores da cultura na relação do sujeito com o objeto de conhecimento, quando, ao interagir com o aluno, põe a serviço sua capacidade, de forma dialógica, em prol do processo ensino-aprendizagem. Nesses contextos interativos, há a construção coletiva de significados, mediada marcadamente por essas ferramentas de informação e comunicação que passam a modelar todas as relações sociais e a dar sentido a um novo modo de agir e fazer o ensino-aprendizagem.

Cada um desses gêneros é utilizado em um contexto e em uma prática social específicos e se modificam de acordo com o surgimento das necessidades da atividade humana. Marcuschi (2002) afirma que os 'novos gêneros' possuem velhas bases. Ou seja, as inovações tecnológicas que surgem a todo instante favorecem o surgimento de novos gêneros.

Juntamente com o avanço da tecnologia, surgem formas inovadoras, mas não totalmente novas, pois há a assimilação de propriedades de um gênero na formação de outro, criando formas híbridas. Não raro, a relação oral versus escrito apresenta objetivos novos e, a respeito dessa relação, Marcuschi esclarece que as formas, as funções, o suporte e os ambientes em que surgem os textos determinam o gênero.

Com a introdução da era digital, outros recursos linguísticos são mobilizados nas redes sociais mediados pela internet, a saber no que se refere ao uso do oral, do escrito e da leitura. Na visão de Marcuschi (2001, p. 15-17), não se pode estudar a oralidade, a fala e a escrita, sem antes analisá-las dentro de um contexto social, porque eles são instrumentos sociais. É por meio da escrita que as pessoas se comunicam, se expressam, se informam dos acontecimentos e trocam conhecimentos. A língua atinge pessoas, culturas, etnias e países. Portanto, ela é uma prática social. Com efeito, a fala e a escrita apresentam características que são determinadas pela escolha ou pela situação enfrentada pelo aluno, ou seja de acordo com os efeitos de sentido que se quer produzir.

Os *blogs* e *microblogs* como *twitter*, *facebook* e *instagram* expõem aspectos da vida pessoal, social e cultural, além de possibilitarem novas formas de interação que podem ocorrer de forma síncrona ou não, um exercício diferenciado de linguagem, segundo Freire (2003, p. 22). Tudo isso, aliado às condições de produção textual e às ferramentas que a *web* oferece, coloca a linguagem em um cenário de novas condições de produção do discurso. São textos produzidos em tempo real, com frases pequenas e curtas, mas que podem apresentar textos mais longos, de um ou vários usuários, que ainda podem ser reunidos por um dos interlocutores e serem reenviadas a outro(s) interlocutor(es). Esse acontecimento é uma característica restrita dos gêneros digitais. É necessário compreender que a escrita eletrônica e os gêneros digitais têm aproximado a escrita da oralidade e, ainda, que algumas inovações contribuem para a plasticidade da língua. Marcuschi (2005, p. 64) deixa claro que a escrita eletrônica tomou para

si algumas estratégias da língua falada, como os enunciados menores e menor nominalização, a exemplo.

Certamente, a escrita assume um caráter mais próximo da fala e mais acessível ao entendimento e à construção o que é fato merecedor de estudo no processo ensino-aprendizagem. Os novos modos comunicacionais (MARCUSCHI, 2005, p. 63) possibilitam uma maior interação entre fala e escrita, diminuindo gradativamente a lacuna que as separa, porém, não podemos dizer que a fala está se fazendo pela escrita, o que ocorre é um hibridismo entre elas.

No entender de Marcuschi (2005, p. 23), os usuários de um grupo que se interagem por meio da internet expõem a versatilidade com que essas interações acontecem, uma vez que não há a necessidade da revisão/correção das produções textuais virtuais, visto que aqui a língua se apresenta de forma natural.

Vejamos que nesses movimentos interativos a língua que os usuários utilizam “é o resultado sempre inacabado de um trabalho coletivo e histórico-cultural (FREIRE, 2003, p. 67) que pode ser objeto de estudo no contexto da sala de aula. Sendo assim, na visão do autor, a internet e suas interações ou escrita eletrônica não infringem a língua. Pelo contrário, é um fenômeno esperado e natural que apenas acompanham as mudanças, usos e necessidades da sociedade. Nesse sentido, a internet impõe novos modos de interação, inclusive pela mediação da linguagem. A língua, por sua vez, sofre as influências da mediação tecnológica, quer pelas interfaces, quer pelas novas necessidades de seus usuários. Dessa forma, os gêneros digitais acompanham as mudanças da sociedade, uma vez que eles são a união entre a linguagem e seu uso.

Se se fala e escrita são práticas sociais e elas acompanham as mudanças que a sociedade sofre ao longo dos tempos, fato que é observado pela interferência das TIC no

contexto da sala de aula, não há como negar a condição de ‘nativos digitais’ (PRENSKY, 2001) dos alunos que já nasceram na cultura digital envolvidos em inúmeros aparatos tecnológicos, e o livro, que era seu primeiro contato com a escrita, muitas vezes, não o é mais. Desde muito cedo, eles usam *mouse*, teclado, *tablets*. E também há aqueles que são ‘imigrantes digitais’ (PRENSKY, 2001) que se esforçam na adaptação do uso dessas tecnologias. Nesse sentido, podemos perceber um novo processo de interação com a escrita. Uma vez que os usuários dessas redes sociais chegam à escola com uma cultura tecnológica e, por isso, esperam uma forma de ensino mais interativa e participativa, com conceitos dinâmicos similar ao que acontece com a internet.

A interatividade nessas redes sociais determina novas organizações textuais e novas configurações visuais de páginas que mudaram a relação do leitor com o texto e que precisam ser alvo do processo ensino-aprendizagem no contexto escolar. Antes o corpo textual apresentava marcas, referências, notas de rodapé, títulos; hoje, temos o hipertexto, que pode apresentar imagens e sons através de *links*. A partir deles, o leitor tem autonomia sobre o texto, podendo ler de forma não linear, ou ainda lendo somente aquilo que o interessa, sem a necessidade de ver todo o texto (PEREIRA, 2012).

A partir do hipertexto, o professor constrói uma rede e define um conjunto de territórios a explorar. O hipertexto não oferece uma história a ouvir (SILVA, 2003), mas um conjunto intrincado (labirinto) de territórios abertos à navegação e dispostos a interferências, a modificações e que estão disponíveis nos *blogs* e *microblogs* como *twitter*, *facebook* e *instagram*. Ele oferece múltiplas informações (em imagens, sons, textos), sabendo que essas potencializam, consideravelmente, ações que resultam em conhecimento. Ele dispõe, para o autor, entrelaçados, os fios da teia, como múltiplos percursos para conexões e expressões com o que os alunos possam contar no ato de manipular as informações e percorrer novos

percursos. O professor deve, portanto, estimular cada aluno a contribuir com novas informações, participando como coautor do processo de comunicação e de aprendizagem.

Como consequência, a escola não pode se eximir que a utilização dessas redes sociais inaugurou novas formas de interatividade - a modalidade comunicacional que ganha centralidade na cibercultura - o que diminui ainda mais o espaço entre as pessoas e a cultura.

No computador, no celular, o espaço de escrita é a tela, ou a 'janela' (SOARES, 2002). Ao contrário do que ocorre quando o espaço da escrita são as páginas. Com efeito, quem escreve ou quem lê a escrita eletrônica tem acesso, em cada momento, apenas ao que é exposto no espaço da tela: o que está escrito antes ou depois fica oculto (embora haja a possibilidade de ver mais de uma tela ao mesmo tempo, exibindo uma janela ao lado de outra, mas sempre em número limitado). O que é mais importante, porém, segundo a estudiosa, é que a escrita na tela possibilita a criação de um texto diferente do texto no papel – o chamado hipertexto que é, para Lévy (1999, p. 56), “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. O texto no papel é escrito e é lido linearmente, sequencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra.

Já o texto na tela – o hipertexto – é escrito e é lido de forma multilinear, multissequencial, acionando-se *links* ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida, observa Soares (2002). A dimensão do texto no papel é materialmente definida: identifica-se claramente seu começo e seu fim, as páginas são numeradas, o que lhes atribui uma determinada posição numa ordem consecutiva – a página é uma unidade estrutural; o hipertexto, ao contrário, tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe (SOARES, 2002), com um clique, a primeira tela; termina, para ela ainda, quando o leitor fecha, com um clique, uma tela, ao dar-se por satisfeito ou

considerar-se suficientemente informado. Com efeito, 'enquanto a página é uma unidade estrutural, a tela é uma unidade temporal'.

Considerando o crescente aumento da utilização das redes sociais, essas podem ser importante ferramenta para o processo ensino-aprendizagem. Desse modo, é interessante pensar em letramentos, no plural, como alguns autores já tendem a usar (SOARES, 2002, p. 155), visto que o fenômeno apresenta várias perspectivas, com práticas em diferentes suportes. Como afirma a autora, o confronto entre tecnologias tipográficas e digitais de escrita e seus diferenciados efeitos sobre o estado ou condição de quem as utiliza, sugere que se pluralize a palavra letramento e se reconheça que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes letramentos.

Há ainda quem chame esse fenômeno de multiletramento (ROJO, 2004, p.31) para significar que compreender e produzir textos não se restringe ao trato do verbal oral e escrito, mas à capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagens – oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos, para delas possibilitar a emergência de novos efeitos de sentido.

Esse reconhecimento reflete, no dizer de Pereira (2012), os contextos de realização da língua – em princípio na sua modalidade escrita, muito embora, hoje, com diferentes utilizações também na modalidade oral e na comunicação visual e mesmo espacial – além de observar como se desenrola sua interação com o mundo. Daí, os variados espaços de escrita, utilizados por meio de diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão, é que leva vários pesquisadores a defender que essas práticas têm por consequência variados letramentos.

Marcuschi (2001, p. 18) observa que com a evolução dos meios de comunicação, atingimos, hoje, um patamar que é possível colocar a oralidade e a escrita em uma bandeja mesclada de recursos de ambas as modalidades. Com isso, já é possível inscrever a

modalidade escrita, nas redes sociais, em uma interação dinâmica entre os sujeitos participantes da interação.

Sobre isso, Santos (2008, p. 11) afirma que existe recursos que procuram traduzir na escrita o que se tem na fala. Quando interagimos, o alongamento de vogal ou consoantes são utilizáveis a fim de atingir determinados efeitos de sentido o que é também recorrente nas interações via internet. Com a inserção da tecnologia virtual nos modos de interação, o autor acredita que a escrita não deixou de acompanhar os avanços do processo. Novas palavras ou expressões foram incorporadas à língua (MARCUSCHI, 2005, p. 14) o que demonstra de forma clara o caráter do letramento digital o qual solidifica uma cultura eletrônica, com uma nova economia de escrita.

Nas interações via internet, a tela, segundo Soares (2002) como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor-leitor, entre escritor-texto, entre leitor-texto e até mesmo, mais amplamente, entre o homem e o conhecimento. Embora os estudos e pesquisas sobre os processos cognitivos envolvidos na escrita e na leitura de hipertextos sejam ainda poucos, a hipótese é, segundo Soares, de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital, isto é, um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam dessas novas tecnologias digitais e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. Para a autora, os processos cognitivos inerentes a esse letramento digital reaproximam o ser humano de seus esquemas mentais.

A utilização de *blogs* e *microblogs* como *twitter*, *facebook* e *instagram* inauguram assim uma nova forma de discurso sustentado pelas condições textuais e condições sociais. Sabemos, no entanto, que a interação, síncrona ou assíncrona, nesses contextos, não ocorre,

de forma efetiva pela oralidade – não é uma conversa face a face – é na oralidade que a comunicação se cumpre, mas é com a escrita que ela materializa. Nesse sentido, de acordo com Marcuschi (2005), a maior interação entre fala e escrita, diminui, gradualmente, a distância entre ambas. Sobre isso, Santos (2008) observa que há nessas interações uma vasta liberdade de expressão, em que o internauta pode se expressar livremente sem se preocupar em ser repreendido ou discriminado. O que vale é a comunicação rápida para manter a sincronia. Do mesmo modo, as interações mediadas por essas mídias colocam a linguagem mesclada de sons, cores, figuras, signos verbais, movimentos, em uma imensa diversidade de semioses. E essa ‘plasticidade da língua’ é uma das grandes mudanças que ela sofreu (MARCUSCHI, 2003). A produção da interação se dá à distância, como ocorre na escrita, mas o planejamento de produção é simultâneo ou quase simultâneo, devido ao fato de se tentar, a todo o momento, manter a sincronia durante a comunicação, isso evidencia as características da fala.

Sobre isso, lembremos Soares (2002) que nos diz que a cultura do texto eletrônico traz uma nova mudança no conceito de letramento. Para a autora, em alguns aspectos essenciais, a nova cultura do texto eletrônico traz de volta características presentes na cultura do texto manuscrito: como este, e ao contrário do texto impresso, também o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado. Não é considerado estável, porque, tal como os copistas e os leitores frequentemente interferiam no texto, também os leitores de hipertextos podem, para ela, interferir neles, acrescentando, alterando, mostrando seus próprios caminhos de leitura. Não é monumental, por sua característica de não estabilidade, o texto eletrônico é fugaz, não permanente e mutável; é pouco controlado porque é grande a liberdade de produção de textos na tela e é quase totalmente ausente o controle da qualidade e conveniência do que é produzido e difundido, pontua ainda Soares.

Sendo assim, defendemos o uso dos *blogs* e *microblogs* como *twitter*, *facebook* e *instagram* na proposição de objetos de ensino-aprendizagem, a fim de conduzir os alunos a

contextos de aprendizagem cada vez mais autônomos. Para tal, é preciso saber gerenciar os recursos que as tecnologias oferecem. Além disso, em termos de sequências pedagógicas em direção ao aprofundamento de conteúdos ou temas, o professor deve possuir conhecimento e sensibilidade para decidir selecionar quais recursos levará para sala de aula, sabendo por que, para que e para quem os leva. Além é claro de lidar com as novas formas de comunicação, principalmente escrita, mais aberta, hipertextual, conectada, multilinguística, aproximando texto e imagem. Assim, o professor poderá dinamizar a compreensão dos conteúdos ou assuntos a serem estudados.

Portanto, a responsabilidade desse professor ganha outros sentidos, pois exige conhecimentos relativos às TIC, além do conteúdo de sua disciplina. É preciso conhecer as novas ferramentas de comunicação e incorporá-las, para adaptá-las a sua prática pedagógica. Desse modo, poderá atuar de forma mais efetiva no processo ensino-aprendizagem, atendendo às demandas sociais e comunicativas globais. Não há mais como ignorar o uso dessas inovações tecnológicas e sua influência no ensino, e é papel do professor auxiliar seus alunos a se posicionar frente ao dinamismo do mundo contemporâneo (SILVA, 2008).

Para que o uso dessas novas tecnologias seja produtivo e promova aprendizagem significativa, o material a ser utilizado também deve ser significativo. Isso exige do professor uma postura crítica frente às necessidades educacionais de seus alunos, no sentido de atender às grandes demandas sociais e culturais vividas na chamada sociedade da informação e do conhecimento. Apenas é preciso que os professores estejam preparados para compreender essas mudanças e inseri-las como fonte de aprendizado em sala de aula, para uma formação mais completa de seus alunos.

### **À guisa de últimas palavras**

Falar sobre educação com tecnologia no ensino brasileiro no atual contexto significa refletir sobre o momento histórico que se vive e também sobre o modo como se tem usado tal tecnologia em salas de aula. O grande desafio é aliar tecnologia e pedagogia a serviço da construção do cidadão e do conhecimento. Tecnologia e pedagogia têm de caminhar juntas e não uma sem a outra. Assim, atingirão e incluirão todos na pertença e vivência de uma mesma sociedade, criando canais mais justos, amplos e menos discriminatórios, de inclusão digital.

Para que a incorporação dos *blogs* e *microblogs* como *twitter*, *facebook* e *instagram* provoquem transformações no processo ensino-aprendizagem e alcance uma educação mais qualificada, é pertinente a tomada de ações que priorizem importantes mudanças nos processos educativos, como inserir também os profissionais da educação ao letramento digital.

É possível imaginar que essas gerações entram em conflito, pois os alunos chegam às salas de aula esperando uma forma de ensino mais interativa, dialógica e participativa, com conceitos passados com dinamismo, similar ao que acontece na internet. Vivemos a cibercultura, os alunos e suas formas de aprender mudaram. Isso instiga as instituições de ensino formadoras e de formação continuada a repensar as práticas de ensino-aprendizagem no contexto escolar.

Um primeiro passo – que inclusive cede a cultura digital – rumo a essa mudança seria o reconhecimento por parte do professor que o aluno é sujeito da sua aprendizagem, é quem realiza a ação e não alguém quem sofre ou recebe uma ação. Se a aprendizagem é um processo interno que ocorre como resultado da ação do sujeito, o professor tem como papel mediar e criar condições para a aprendizagem efetiva dos alunos.

Um segundo passo para essa mudança seria a aceitação que as TIC podem servir como ambientes para o melhor aprendizado dos alunos. Quando os professores entendem e incorporam essas sugestões, o processo de ensino-aprendizagem pode fluir de uma forma mais agradável e prazerosa, facilitando e ampliando a relação professor-aluno; aluno-aluno. Nessa perspectiva, o aluno pode ser motivado a deixar de ser apenas espectador, participando ativa e colaborativamente da construção de seu conhecimento, tornando-se, portanto, sujeito da sua aprendizagem.

A tecnologia digital se oferece não somente para a implementação de uma gama de estratégias educacionais, mas também para a ampliação do diálogo entre os professores e alunos na rede. Com isso, podem-se concretizar processos de aprendizagem não somente no espaço físico escolar, mas também num ambiente virtual com acesso remoto e em qualquer horário desejado. Por isso, insistimos na utilização dos *blogs* e dos *microblogs* como *twitter*, *facebook* e *instagram*, uma vez que põe à disposição um suporte de ensino-aprendizagem dinâmico, aberto, pronto à construção de saberes partilhados e coletivos, em contextos de aprendizagem interativo, dialógico, plural e, por que não, hipertextual.

‘A tela’, seja do computador, seja do celular, como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura nesses contextos. É desse novo letramento que nos fala Soares (2002) - o letramento digital - para designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função quer seja dos contextos de interação com a palavra escrita, quer seja em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial.

Para finalizar, acreditamos que a análise mais aprofundada da variedade dos gêneros textuais que pode ser encontrada nos *blogs* e *microblogs* como *twitter*, *facebook*, *instagram* possibilitará condições para a instrumentalização da ação do professor nessas formas de interação. O conhecimento das características de cada um resultaria em comunicações mais bem-sucedidas, por exemplo, entre aluno-aluno, professor-aluno e, daí, ferramentas eficazes de ensino-aprendizagem. A fim de fazer deles ferramentas eficazes, cremos ainda na necessidade de estudá-las, na tentativa de definir suas características e os aspectos que delas podem ser explorados para atingirmos objetivos educacionais. A partir desses estudos e dessas definições, estaríamos contribuindo para aumentar o conhecimento sobre esses gêneros e, conseqüentemente, para propiciar um maior grau de seu domínio pelos participantes envolvidos nessas redes de interatividade.

Diante do exposto, fica o convite para nós, enquanto professores, propormos a construção do conhecimento de estudos dessa natureza, disponibilizando um campo de possibilidades e de caminhos que se abrem nesses contextos em que as TIC são mobilizadas tanto pelos alunos quanto pelos professores. Elas garantem a possibilidade de significações livres e plurais, que parecem se impor como necessidade, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, associam-se para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos. Assim, educamos na cibercultura. Assim, construímos cidadania em nosso tempo. E que venham as contribuições...

### **Referências bibliográficas**

CASTELLS, M. (Org.). *High technology, space and society*. Bervelly Hills: Sage Publications, 1985.

CHAVES, E. O. C. Computadores: máquinas de ensinar ou ferramentas para aprender? *Em Aberto*, Brasília, ano 2, n. 17, p. 9-15, jul. 1983.

FRANCISCO, D. J.; MACHADO, G. J. C. Sociedade, EAD, inclusão digital formação de professores. *Revista Iberoamericana de Educación*, Madrid, v. 1, n. 38, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1172Francisco.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

FREIRE, F. M. P. A palavra (re)escrita e (re)lida via internet. In: \_\_\_\_\_. *Formas de materialidade linguística, gêneros do discurso e interfaces*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 65 - 88.

GIANOLLA, R. M. *Informática na educação: representações sociais do cotidiano*. São Paulo, Cortez, 2006.

GOMES, M. J. E-learning: reflexões em torno do conceito. In: DIAS, P. ; FREITAS, C. V. (Org). *Challenges'05: Actas do Congresso Internacional sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação*. 4 ed. Braga, 2005. [CD-ROM]. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, [2005?]. ISBN 972-8746-13-05. p. 229-236.

LEVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, 133p.

\_\_\_\_\_. Gêneros digitais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, R. A.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.

PEREIRA, L. G. Leitura, gêneros textuais e novas tecnologias. *Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia*, Canoas, v.1, n.1, 2012, p. 1-10.

PRENSKY, M. *Digital natives, digital immigrants*. On the Horizon, 2001.

ROJO, R. H. R. Linguagens, códigos e suas tecnologias. In: Brasil. *Ministério da Educação*. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas do Ensino Médio. Orientações curriculares do Ensino Médio. Brasília, 2004.

SILVA, E. T. *Aceleração tecnológica e vida de professores: primeiras aproximações*. Campinas, 2008. Disponível em: <[www.alb.com.br/ensaios](http://www.alb.com.br/ensaios)>. Acesso em: 28 dez. 2011.

SILVA, M. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

SANTOS, D. L. dos. *A linguagem da internet sob a perspectiva dos gêneros discursivos: implicações educacionais*. Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRITTER. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <[http://www.uniritter.edu.br/w2/letras/palavora\\_anterior/arquivos/Monografia%20Lauren%20D.%20dos%20Santos.pdf](http://www.uniritter.edu.br/w2/letras/palavora_anterior/arquivos/Monografia%20Lauren%20D.%20dos%20Santos.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2014.

SANTOS, E. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, M. et al (Orgs.). *Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010. Pags. 29-48.

SOARES, M. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 143. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

VYGOTSKY, L; S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

XAVIER, A. C. S. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. Recife: UFPE, 2009.